

A cidade do capital



**Henri Lefebvre**

# **A cidade do capital**

Tradução  
Maria Helena Rauta Ramos  
Marilena Jamur

2ª edição



lâmparina

A cidade do capital  
Henri Lefebvre  
© da tradução Lamparina editora  
© do autor

1ª edição, Rio de Janeiro, DP&A 1999

Título original  
*La pensée marxiste et la ville*

Direção  
Tereza Andrade

Direção de arte  
Fernando Rodrigues

Revisão  
Paulo Hamilton  
Paulo Telles Ferreira

Imagem da capa  
Darel Valença Lins, sem título, gravura  
sobre papel, 1967

Esta obra foi composta em Charter e  
Cidade e impressa em papel Polém Soft  
80g/m<sup>2</sup> e cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup> pela  
Meta para a Lamparina editora.

O texto deste livro foi adaptado ao Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa,  
assinado em 1990, que começou a vigorar  
em 1º de janeiro de 2009.

Proibida a reprodução, total ou parcial,  
por qualquer meio ou processo, seja  
reprográfico, fotográfico, gráfico,  
microfilmagem etc. Essas proibições  
aplicam-se também às características  
gráficas e/ou editoriais.

Catálogo na fonte do Sindicato  
Nacional dos Editores de Livros

---

L522c  
2ª edição  
Lefebvre, Henri, 1901-1991  
A cidade do capital, Henri Lefebvre  
tradução Maria Helena Rauta Ramos  
e Marilena Jamur  
2ª edição, Rio de Janeiro, Lamparina, 2021  
120p, 14 × 21cm  
Tradução de *La pensée marxiste et la ville*  
ISBN 978 65 88791 04 2  
I Comunismo e sociedade  
2 Sociologia urbana  
I Ramos, Maria Helena Rauta  
II Jamur, Marilena  
III Título  
21-69166  
CDD 307.76  
CDU 316.334.56  
Camila Donis Hartmann, bibliotecária,  
CRB-7/6472

---

Lamparina editora  
Rua Joaquim Silva, 98, sala 201, Lapa  
CEP 20241-110, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
21 2252 0247  
www.lamparina.com.br  
lamparina@lamparina.com.br  
Facebook editoralamparina  
Instagram lamparinaeditora

Prefácio	7
A situação da classe operária na Inglaterra	8
A cidade e a divisão do trabalho	20
A crítica da economia política	49
Engels e a utopia	75
O capital e a propriedade da terra	85
Conclusões gerais	112



# Prefácio

Nas obras de Marx e Engels há, dispersas, numerosas indicações sobre a cidade e os problemas urbanos. Essas indicações não foram sistematizadas pelos fundadores do socialismo científico. Elas não formam, portanto, um corpo doutrinal, que pertenceria a esta ou àquela metodologia, a esta ou àquela “disciplina” especializada: a filosofia, a economia política, a ecologia ou a sociologia. Geralmente, os fragmentos considerados serão introduzidos, como se verá, relacionados com os temas amplos: a divisão do trabalho, as forças produtivas e as relações de produção, o materialismo histórico. Trata-se, em primeiro lugar, de reunir os textos esparsos, relendo o conjunto da obra de Marx e de Engels. Esta é uma “releitura” que, nela mesma, nada tem de privilegiado. Não se pode caracterizá-la como “literal”, pois que ela tem por objetivo recolher fragmentos, colocando em evidência os conceitos e as categorias do pensamento teórico comuns a esses textos. Não se pode também chamá-la “sintomal”,\* porque não se trata de denotar no pensamento de Marx e de Engels um conteúdo latente, um não dito, que caberia ao leitor descobrir. É portanto uma leitura ou releitura temática. O tema visado é a cidade e, conseqüentemente, a problemática urbana no quadro teórico do materialismo histórico.

Ficaremos aí? Não. Uma tal abordagem dos textos não teria muito interesse; alimentaria o dogmatismo oficial e a escolástica reinante, se não suscitasse uma interrogação e não orientasse a resposta. Essas indicações, esses conceitos recobrem, em toda a sua amplitude, os problemas atuais da realidade urbana? Haverá algo novo nesse domínio, depois de um século? Assim, a leitura temática toma um sentido e uma importância que não teriam “trechos escolhidos”.

\* Com essa referência ao “método” proposto por Althusser – de uma leitura crítica da obra de Marx, capaz de discernir em seu discurso (tanto nos textos explícitos, quanto nos silêncios) os *sintomas* de uma problemática subjacente –, Lefebvre distingue-se daquele autor, propondo uma leitura que não é inferencial, pelo contrário, extrai dos textos somente o que está manifesto.

# A situação da classe operária na Inglaterra

Estamos em 1845. Os elementos e os índices de uma realidade nova, a industrialização, a classe operária, o capitalismo, se multiplicam. Há muitos anos, Friedrich Engels (que em 1845 completa 24 anos) se interessa pelas questões econômicas e sociais que, para ele, se sobrepõe às questões filosóficas, às quais ele inicialmente se consagrou. Ele tivera com Marx somente um encontro muito breve, alguns dias, em 1844, em Paris. Engels, a essa data, ainda não coopera com Marx para a construção do “marxismo”. Melhor dizendo: ele precede seu futuro amigo no caminho que ambos trilharão juntos, precisamente a partir desse ano de 1845.

*A situação da classe operária na Inglaterra*<sup>1</sup> é uma obra que Friedrich Engels prepara há muito tempo. Havia publicado, desde 1842, importantes artigos<sup>2</sup> sobre a Inglaterra e sua transformação em potência industrial, sobre o lado dramático (negativo) desse desenvolvimento. Ele resgata a originalidade da Inglaterra com relação à França e à Alemanha da mesma época. Na Inglaterra, é a sociedade nova que se forma e se consolida, com seus traços característicos, dos quais a predominância do econômico é o primeiro e o mais importante. Na França e na Alemanha tem sequência uma revolução teórica e política, uma dupla revolução que não se pode separar da “revolução industrial” na Inglaterra, que “a exprime” no plano do pensamento e da ação, mas se distingue dela na medida em que o jogo das circunstâncias históricas separou a teoria da prática, a prática política da prática social (econômica).

A introdução de Engels, ao seu livro, começa de uma maneira notável por uma ideia que ele em seguida vai desenvolver e precisar: “A história da classe operária na Inglaterra começa na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas ao trabalho com o algodão. Sabe-se que essas invenções desencadearão uma revolução industrial...” (p.35) Essa expressão, que será amplamente utilizada muito mais tarde, aparece então, talvez pela primeira vez, sob a pena de Engels em 1845. Ele acrescenta que não se ocupa da história dessa revolução, de sua importância no

1 Citações segundo a nova tradução publicada em 1960, pela Les éditions sociales (Paris), com prefácio de Eric Hobsbawm.

2 Na *Gazeta Rhenana*, em dezembro de 1842, “As crises”. Conforme também “Esboço de uma crítica da economia política” em *Anais franco-alemães*, em 1844 e “A situação da Inglaterra” nos *Anais*, assim como em *Vorwärts*, setembro-outubro de 1844.

mundo, de seu futuro. Ele se limita, nessa obra, provisória e voluntariamente, à situação dos proletários ingleses. A introdução do maquinismo transformou a existência dos tecelões, arruinando as famílias que viviam honesta e laboriosamente no campo, na proximidade das cidades, mas afastadas delas. Essa gente vigorosa e bem estabelecida raramente sabia ler, menos ainda escrever, iam à igreja, “não faziam política, nem conspiravam, não pensavam, tinham prazer nos exercícios físicos, escutavam a leitura da *Bíblia*”. Eles pareciam muito humanos e o eram, num certo sentido. E, no entanto, não seriam já simples máquinas a serviço da aristocracia? A revolução industrial reduziu completamente os operários ao papel de máquinas, “arrancando-lhes os últimos vestígios de atividade independente”, mas compelindo-os “a desempenhar seu papel de homens”. Na França a política, na Inglaterra a indústria, empurraram para o turbilhão da história as classes mergulhadas na apatia.

Causas da transformação revolucionária: as novas técnicas (e primeiro *la jenny* e *la mule*\* no fim do século XVIII, depois seus aperfeiçoamentos e, claro, a máquina a vapor). Assim nasceram as grandes cidades industriais e comerciais do império britânico (p.51). A essa brusca mudança, Engels atribui causas tecnológicas.

No importante livro, *A situação da classe operária na Inglaterra*, Engels descreve, analisa, expõe pela primeira vez o que é o capitalismo num grande país. A importância que ele atribui aos fenômenos urbanos não deixa de ser surpreendente. Além dos capítulos explicitamente consagrados a esses fenômenos (entre outros o longuíssimo capítulo II), eles aparecem desde o início da obra. Engels mostra no capitalismo uma dupla tendência centralizadora. A concentração da população acompanha a do capital (“O proletariado industrial”, pp.56–57). Em torno de uma fábrica de porte médio, um vilarejo se constitui; ele engendra uma população tal que inevitavelmente outros industriais chegam para utilizar (explorar) essa mão de obra. O vilarejo se torna uma pequena cidade e a pequena cidade uma grande. “Quanto maior é a cidade, maiores são as vantagens da aglomeração”; ali se reúnem todos os elementos da indústria: os trabalhadores, as vias de comunicação (canais, estradas de ferro, estradas), os transportes de matérias-primas, as máquinas e técnicas, o mercado, a bolsa. Daí, o crescimento surpreendentemente rápido das grandes cidades industriais. Mesmo que os salários continuem mais baixos nas regiões rurais, e que, conseqüentemente, haja concorrência entre a cidade e o campo, a vantagem está do lado da cidade. A tendência centralizadora a domina e cada indústria criada no campo tem em si o germe de uma cidade industrial. Virtualmente, cada distrito industrial na Inglaterra não é nada mais que

\* A expressão inglesa *mulle-jenny* refere-se a uma máquina de operações híbridas, complexas, dentro de um procedimento industrial de fiar algodão.

uma cidade; ele o será, se essa “insana atividade” durar ainda um século! “É nas grandes cidades que a indústria e o comércio se desenvolvem mais perfeitamente; é igualmente aí que aparecem mais clara e manifestamente as consequências que eles têm para o proletariado. É aí que a concentração dos bens atinge seu grau mais elevado, que os costumes e as condições de vida do bom e velho tempo são mais radicalmente destruídos...” (p.58)

Detenhamo-nos um momento para refletir sobre esses primeiros textos e sobre seu contexto. Estamos então em 1845. Ano de intensa efervescência teórica. Em fevereiro aparece em Frankfurt *A sagrada família*, na qual Marx e Engels refutam os portadores de abstrações e de idealismo histórico, os filósofos, segundo os quais as massas humanas são passivas no processo de criação pelo “homem” de seu ser social. Em janeiro de 1845, Marx, expulso de Paris, se instala em Bruxelas. No mês de abril, Engels se junta a ele. Durante o verão, eles viajam juntos à Inglaterra; Engels mostra a Marx o que ele descreveu e analisou no seu livro, que é publicado nesse período em Leipzig. Ao fim do ano, eles começam a escrever *A ideologia alemã*, que vai reunir as pesquisas anteriores, condensar as críticas contra as “ideologias” (a filosofia, a economia política, a história idealizada) e propor a nova concepção do ser humano, produzindo-se a si mesmo pelo seu trabalho: o materialismo histórico. Como se poderá observar mais adiante, as questões relativas à cidade aparecem com muita força na formulação do materialismo histórico. Desde as primeiras páginas de *A ideologia alemã*, imediatamente depois das célebres fórmulas (ainda filosóficas, se bem que ultrapassando e rejeitando a filosofia clássica: “Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo que se quiser. Eles mesmos começam a se distinguir dos animais, desde o momento em que começam a *produzir* seus meios de existência...”), imediatamente começam as considerações sobre a cidade.<sup>3</sup> Essas considerações são sobretudo retrospectivas, o que corresponde ao método que Marx explicitará mais tarde: esclarecer o passado a partir do atual. Portanto, não se trata somente das relações entre a cidade e o campo na Antiguidade e depois na Idade Média. Veremos que é um aporte essencial e uma conquista do materialismo histórico colocar no centro da reflexão do passado esta relação conflitual. Mas jamais as questões relativas à cidade moderna terão, no pensamento de Marx, a amplitude que elas têm na primeira obra de Engels. Não haveria múltiplas entradas no pensamento marxista? Por que haveria somente um trajeto, um percurso obrigatório, sempre o mesmo, indo das mesmas citações às mesmas referências, traçado por esta ou aquela autoridade e que seria obrigatoriamente necessário seguir com obediência? Afirmar que Engels contribuiu com sua parte à formação do

3 Cf. Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã*, Paris, Les éditions sociales, 1968, pp.45-46.

pensamento dito marxista, defender sua memória, mostrando que ele não foi o segundo violino, mas um pensador original (e mesmo situado como tal em uma das origens do “pensamento marxista”), isto não é empobrecer esse pensamento. Não seria, ao contrário, lutar contra o empobrecimento dogmático e escolástico?

Na parte de seu livro intitulada “As grandes cidades”, Engels descobre a realidade urbana em todo o seu horror. No entanto, jamais essa realidade se identifica para ele com uma simples desordem, ainda menos com o mal, com uma doença da “sociedade”, como em muitos textos literários e científicos até nossa época. Londres, Manchester, outras aglomerações inglesas, Engels as toma como os efeitos de causas e razões a conhecer, portanto, a controlar (primeiro pelo conhecimento, em seguida pela ação revolucionária). A burguesia detém o capital, isto é, os meios de produção. Ela faz uso dele; ela determina as condições de seu uso produtivo. Sem tomar qualquer posição depreciativa, Engels coloca em plena luz os fortes contrastes da realidade urbana, a riqueza e a pobreza justapostas, o esplendor e o horror (a indignidade e a pobreza recebendo dessa vizinhança um colorido intenso e patético). Ele começa por uma declaração entusiasta: “Eu não conheço nada mais imponente que o espetáculo oferecido pelo Tâmis, quando a gente sobe o rio desde o mar até a Ponte de Londres... Tudo isso é tão grandioso, tão enorme que deixa a gente aturdido e se continua estupefato diante da grandeza da Inglaterra, antes mesmo de se colocar o pé sobre seu solo.” A centralização centuplicou o poder desses milhares de homens; multiplicou a eficácia de seus meios. A contrapartida desta prodigiosa riqueza social, realizada sob a égide econômica e política da burguesia inglesa: os sacrifícios. Os londrinos “tiveram de sacrificar a melhor parte da sua qualidade de homens para realizar os milagres da civilização, dos quais a cidade transborda”. Forças que adormeciam neles foram asfixiadas, a fim de que “só algumas pudessem se desenvolver”, multiplicando-se pela união com as de outros. “A multidão das ruas tem já, em si mesma, qualquer coisa de repugnante.” Essas pessoas, de todo estado e de todas as classes, não são *todas* elas homens possuindo as mesmas capacidades, o mesmo interesse na busca da felicidade? “Não devem elas finalmente buscar essa felicidade pelos mesmos meios e procedimentos? E, entretanto, essas pessoas se cruzam correndo, como se não tivessem nada em comum...” Esta indiferença brutal, este isolamento insensível, este egoísmo estreito, não se manifestam em nenhuma parte com tanta falta de pudor. A atomização é aqui levada ao extremo.

Assim, Engels logo introduz o tema da “multidão solitária” e o da atomização, a problemática da rua. Jamais para ele o tema da alienação se apresentou abstratamente (como separado). Ele percebe e apreende concretamente a alienação.

Nesses textos de Engels, cujo caráter direto ameaça o caráter científico somente para os fetichistas da cientificidade, aqueles que não toleram no

conhecimento nada do que foi “vivido”, a própria alienação não é nomeada. Seu conceito não entra em cena. Que Engels a tenha conhecido, seus estudos filosóficos o garantem. A alienação, ele a mostra com realismo, ele a apreende na prática social.

Vincula-a ao trabalho? Sim, implicitamente. Não, explicitamente. Tudo se passa como se o economista Engels, desde o início de sua carreira, soubesse que o trabalho produtivo, incontestavelmente necessário, não se bastava a si mesmo. Ele engendra uma sociedade. As relações de produção, certamente, marcam essa sociedade com sua característica, com sua dominação, com o poderio da classe dominante. A sociedade que eles engendram não lhes é exterior. Londres é o comércio, o mercado mundial, com suas consequências. É a força que abate o fraco e a riqueza que produz a pobreza; mas é também a civilização e seus milagres. Jamais Engels pensará que é necessário jogar a criança com água do banho.

Sua liberdade de espírito é maior que isso para dizer, descendo até os detalhes ínfimos porem reveladores, os resultados, para os trabalhadores, dessa prodigiosa acumulação de poderio e riqueza, a grande cidade moderna. Aliás, a classe operária, como classe, não é a única a ser atingida; mas sociedade inteira, incluindo os dominadores, os que utilizam a riqueza produzida porque dirigem o emprego dos meios de produção e da força de trabalho. Efetua-se uma espécie de ricochete. “Aqui a guerra social, a guerra de todos contra todos, é declarada abertamente.” As pessoas consideram-se reciprocamente apenas sob a relação de utilidade; cada um explora outrem. Os mais fortes, os capitalistas, apropriam-se de *tudo* (p.61). Nessa guerra geral, o capital, propriedade direta ou indireta das subsistências e meio de produção, é a arma da luta. Aquele que não tem capital nem dinheiro, ninguém se preocupa com ele. Se não encontra trabalho, pode roubar ou morrer de fome. “A polícia vigiará para que ele morra de fome de uma maneira tranquila, sem ferir de nenhuma maneira a burguesia.” Assim, o espaço urbano com seus contrastes, suas liberdades e suas fatalidades, é o espaço repressivo: àquele do “crime social”, que os operários ingleses pensam que sua sociedade comete continuamente (p.62).

Depois de haver descrito a miséria dos bairros pobres de Londres, essa miséria que seu amigo Marx partilhará um pouco mais tarde, Engels passa às outras cidades dos três reinos. Tomemos Dublin, “cidade cujo entorno para mim é tão charmoso como o de Londres é imponente”. A cidade tem grandes belezas, declara Engels, mas as partes pobres se encontram entre as mais repugnantes. O caráter nacional dos irlandeses talvez desempenhe aí um papel, mas a miséria em Dublin não tem nada de particular, ela se assemelha à de todas as grandes cidades do mundo. Do mesmo modo em Edimburgo, “cuja situação esplêndida lhe valeu o nome de *Atenas moderna*”, mas onde o luxuoso caráter aristocrático da cidade nova contrasta brutalmente com a miséria grosseira da velha

cidade (p.71). Liverpool, apesar de seu comércio, seu luxo, sua riqueza, trata seus trabalhadores com a mesma barbárie (p.74). E da mesma forma, ainda, Sheffield, Birmingham, Glasgow etc.

Sobre o caso particular de Manchester, Engels se detém longamente, por diversas razões, de ordem teórica e de ordem pessoal. É ali que a indústria do império britânico tem seu ponto de partida e seu centro; a bolsa de Manchester é o barômetro econômico. As técnicas modernas atingiram a perfeição na indústria algodoeira de Lancashire: utilização das forças da natureza, eliminação do trabalho manual pelas máquinas, divisão do trabalho. “Se reconhecemos nesses três elementos as características da indústria moderna, precisamos admitir que, também quanto a esse aspecto, a indústria de transformação do algodão manteve o avanço que tinha adquirido sobre os outros ramos industriais, desde o início.” É portanto aí que as consequências da industrialização devem se desenvolver e o proletariado industrial se manifestar completamente. “É por essas razões, porque Manchester é o tipo clássico da cidade industrial e também porque eu a conheço tão bem quanto minha cidade natal e melhor que a maioria de seus habitantes que nos interessamos por ela um pouco mais longamente”, declara Engels (p.81).

O antigo centro urbano se estendeu consideravelmente. A cidade proliferou em zonas ainda mais industriais que o centro inicial; elas deixam a Manchester a direção dos negócios e se povoam somente de trabalhadores, assim como de industriais e comerciantes de segunda categoria. Segue-se um enorme conjunto em que os bairros operários têm até 100 mil habitantes. Entre eles, fábricas, mas também jardins e casarões, mais frequentemente em estilo elisabetano que está para o gótico, como a religião anglicana está para a religião católica (p.84). A ordem capitalista gera um caos urbano.

Observação importante: Engels não analisa a situação das cidades históricas do continente, as da Itália, de Flandres, da França, da Alemanha. Essas cidades precederam o capitalismo industrial como cidades políticas (administrativas e militares) ou ligadas ao capital comercial; elas sofreram o assalto de uma indústria e de um capitalismo nascidos fora delas e frequentemente contra elas. O caso de Manchester é outro, no quadro mais geral da Inglaterra, de sua posição privilegiada (no século XIX) no mercado mundial. O comércio e a indústria cresceram simultaneamente, na cidade, em torno dela. Os traços característicos que Engels ali identifica têm, no entanto, uma importância geral: a segregação, a decomposição do centro.

A segregação, espontânea, “inconsciente” talvez, não é menos rigorosa. Ela marca ao mesmo tempo a cidade concreta e a imagem da cidade, “construída de uma maneira tão particular que ali se pode viver por muitos anos, sair e entrar cotidianamente, sem jamais entrever um bairro operário, nem mesmo encontrar operários” (p.84). A burguesia dessa Inglaterra imperialmente

democrática conseguiu essa obra prima: esconder dela mesma a visão de uma miséria que a ofuscaria. Dissimula-se, ao mesmo tempo, a exploração e o resultado da exploração. “Os bairros operários, por um acordo inconsciente e tácito, tanto quanto por intuição consciente e confessa – estão separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média.” Ao mesmo tempo, Manchester abriga em seu centro uma grande área comercial, deserta e vazia durante a noite. “Só as patrulhas da polícia rodam com suas lanternas surdas nas ruas estreitas e sombrias.”

É necessário acrescentar que hoje, na segunda metade do século xx, dezenas de anos de estudos urbanos (econômicos, sociológicos, históricos, antropológicos etc.) confirmaram amplamente as visões de Engels? (Poder-se-ia dizer suas “visões”, se não fosse habitual opor este termo ao de “teoria” científica.) Certamente, muitas coisas mudaram. O império britânico ruiu. O mercado mundial, imensamente aumentado, viu entrar em cena outros atores com uma indústria mais ou menos ligada a uma democracia. O processo mundial (industrialização e urbanização) generalizou o que Engels soube perceber e conceber, partindo de uma espécie de amostragem ou de uma realidade típica: Manchester – segregação e decomposição.

Ele mostra magistralmente uma estranha mistura de ordem e de caos, explicando o espaço urbano e como esse espaço expõe a própria essência da sociedade. Descrição minuciosa, rua por rua, bairro por bairro a partir da bolsa. “Pode-se, conhecendo-se Manchester, *deduzir* do aspecto das ruas principais, o aspecto dos bairros contíguos”, enquanto que destas ruas raramente se podem perceber *realmente* (grifo de Engels, p.87) os bairros operários. Em suma, antes da época industrial, a sociedade dissimulava suas partes vergonhosas, suas fraquezas e seus vícios: a loucura, a prostituição, as doenças; ela os segregava em lugares malditos. A sociedade burguesa dissimula, ao contrário, aquilo que ela vive, sua parte ativa e produtiva. Essa disposição hipócrita é mais ou menos comum a todas as grandes cidades, “mas em nenhum outro lugar além de Manchester, eu constatei isolamento tão sistemático da classe operária, mantida afastada das grandes ruas, uma arte tão delicada de ocultar tudo o que pudesse ferir a vista ou os nervos da burguesia”. Plano deliberado? A construção de Manchester, precisamente, não responde a nenhum plano preciso. “Mais do que em qualquer outra cidade, sua disposição é fruto do acaso.” No entanto, quando Engels pensa na classe média, que declara apressadamente que os operários se portam do melhor modo do mundo, ele se pergunta se “os industriais liberais” são completamente inocentes em relação a esses pudicos dispositivos.

Uma ordem específica, a da produção industrial gerada pela burguesia (no quadro das relações de produção capitalista, dirá explicitamente Marx) engendra, segundo Engels, uma desordem específica, a desordem urbana. Não pode chegar um momento em que essa ordem cessará de dominar o caos

que ela cria, quando a desordem ultrapassará a ordem? – Engels suspeita disso: ele o sugere quando estuda minuciosamente (ao ponto de reproduzi-lo em um desenho) o plano de Manchester e de seus arredores. A esse propósito ele introduz o conceito de *urbanismo*. “É impossível imaginar o amontoado desordenado de casas empilhadas literalmente umas sobre as outras, verdadeiro desafio a toda arquitetura racional.” A confusão é levada ao seu extremo; em todo lugar onde o urbanismo da época precedente deixou um espaço livre, se construiu e reacomodou “até que não restasse mais entre as casas o mínimo espaço”. Desse amontoado resultam poluição do ar, das águas, do espaço inteiro (pp.90–91, 100 etc.).

“Tudo que suscita aqui nosso horror e nossa indignação é recente e data da época industrial.” A velha Manchester foi abandonada por seus antigos habitantes; a indústria lotou essas velhas casas de tropas operárias; ela fez construir em cada parcela a fim de abrigar as massas que atraiu dos campos e da Irlanda. “Não há como a indústria para permitir aos proprietários desses estábulos alugá-los a preços elevados como se fossem lares para seres humanos.” A indústria tratou como uma coisa o trabalhador liberado da servidão. Ela o prende entre paredes que tombam em ruínas e que ele deve adquirir pagando-as muito caro. O menor pedaço de espaço foi utilizado. “O valor fundiário cresceu em paralelo com o desenvolvimento industrial e mais se elevava, mais se construía freneticamente.” (p.94) Isto estabelecido para a velha cidade, Engels examina as extensões recentes. “Aqui desaparece todo o aspecto urbano.” (p.95) Fileiras isoladas de casas, as ilhotas se juntam e se engajam então numa interminável fileira de vielas, becos, travessas e pátios. Enquanto na velha cidade em decomposição, o acaso preside o agrupamento dos imóveis e cada casa se ergue sem cuidado com as outras, às vezes uma espécie de ordem parece emergir. Ao redor de um centro urbano? Não, diz Engels, em torno dos *pátios*, que ordenam ao redor as ruas, as passagens cobertas, as aberturas. Certos liberais veem nesses pátios uma obra-prima de arquitetura urbana, pretendendo que ofereçam o ar e a luz formando um grande número de pequenos lugares públicos (p.96, nota de Engels). De fato, esses pátios se tornam escoamento de detritos, depósitos de lixo, porque os regulamentos que concernem às ruas aí não se aplicam. Enquanto os empreendedores constroem pequenas casas operárias rústicas em torno de ruas interiores e de pátios, somente uma pequena parte delas dispõe de aeração suficiente.<sup>4</sup> Os trabalhadores mais bem pagos se deixam explorar alugando por um preço elevado as casas da melhor fileira. Além disso, os empreendedores e proprietários fazem pouca ou quase nenhuma manutenção. Eles não querem reduzir seus lucros. Em razão da instabilidade da mão de obra (crises), ruas inteiras ficam algumas vezes desertas. A avareza

4 Cf. Engels, p.97, onde figura o mapa de uma rua operária.